

PARECER C

FONSECA, D. L. de S. Fluxos e dimensões do conhecimento indígena: percepções epistemológicas.
BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação.

DOI: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/19836>

Avaliador B: Célia Regina Simonetti Barbalho
Recomendação: Aceitar

Avaliação do Artigo

- **Originalidade do tema ou do tratamento dado ao assunto:** Muito bom
- **Contribuição / Relevância para a área:** Bom
- **Título está alinhado ao objetivo do artigo:** Bom
- **Resumos e palavras-chaves:** Bom
- **Referencial teórico:** Bom
- **A metodologia dispõe dos passos necessários para alcançar os objetivos:** Bom
- **Resultados e Conclusões estão em consonância com as evidências do estudo e os objetivos propostos:** Bom
- **O texto está redigido de forma clara, coerente, com correção gramatical e cumpre com as normas ABNT:** Muito bom
- **Se o trabalho provém de uma publicação em evento, preprint ou outro tipo de publicação, é necessário que tenha melhorias em relação ao original:** Não se aplica à pesquisa avaliada
- **Princípios de Ciência Aberta:** Concordo em abrir o parecer com a minha identificação..

Avaliação Geral

O artigo propõe uma análise dos fluxos e dimensões do conhecimento indígena sob uma perspectiva da Ciência da Informação (CI), utilizando uma abordagem qualitativa e bibliográfica de 82 documentos. O trabalho se destaca pela perspectiva de um olhar que procura romper com a lógica positivista e eurocêntrica dominante na CI, sugerindo uma "ecologia de saberes". A proposta apresenta originalidade e relevância epistêmica ao buscar preencher uma lacuna essencial na Ciência da Informação, especialmente ao adotar categorias como "saberes em movimento", duas dimensões principais e cinco fluxos específicos, o que amplia a compreensão dos conceitos abstratos utilizados para analisar o conhecimento dos povos originários dentro de uma base teórica abrangente. Entretanto, o texto permanece predominantemente no campo teórico, sem oferecer exemplos práticos de como a Ciência da Informação pode atuar tecnicamente sem

desrespeitar a sacralidade do conhecimento. Além disso, trata o "conhecimento indígena" de forma homogênea, não considerando as diferenças culturais entre distintas etnias que podem resultar em fluxos informacionais diversos. O recorte temporal (2000-2024) e o foco em autores decoloniais são pontos positivos para o tema, mas acabam restringindo o diálogo com abordagens mais tradicionais da área, que também abordam questões de mediação e poderiam enriquecer a construção metodológica. Por fim, as considerações finais reforçam a demanda por um "deslocamento paradigmático", porém carecem de orientações específicas ou de uma agenda de pesquisa direcionada a futuros estudos que busquem aplicar essa "ecologia de saberes".